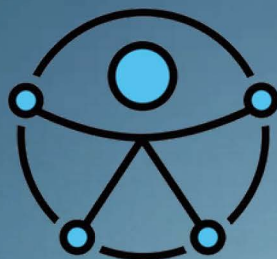


GUIA PRÁTICO

DE ACESSIBILIDADE PARA EVENTOS INCLUSIVOS

Orientações para palestrantes,
facilitadores e apresentadores

Adriana da Silva Maria Pereira
Neuzilene Burock
Daniele Alberich
Suzanli Estef



GUIA PRÁTICO

DE ACESSIBILIDADE PARA EVENTOS INCLUSIVOS

ORIENTAÇÕES PARA PALESTRANTES,
FACILITADORES E APRESENTADORES

AUDIODESCRIÇÃO DA CAPA

Capa do e-book com fundo em tons de azul escuro, apresentando efeitos de luz em azul claro e formas circulares suaves ao fundo, que compõem um visual moderno, fluido e acessível. No centro superior da imagem, em letras grandes e em tom esverdeado, está o título: “GUIA PRÁTICO”. Logo abaixo, em letras brancas e em caixa alta, lê-se o subtítulo: “DE ACESSIBILIDADE PARA EVENTOS INCLUSIVOS”. Seguindo-se, em fonte branca menor, encontra-se a frase: “Orientações para palestrantes, facilitadores e apresentadores”.

Na parte inferior central, estão dispostos os nomes das autoras: Adriana da Silva Maria Pereira, Neuzilene Burock, Daniele Alberich e Suzanli Estef.

No canto inferior esquerdo, aparece o logotipo do LUPAA (Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação). O logotipo tem formato circular, com a inscrição “Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação” contornando a borda em letras verdes. Ao centro, há um ícone verde escuro de lupa — símbolo da investigação científica — acima da sigla LUPAA, escrita em letras maiúsculas verdes. Abaixo da sigla, estão as marcas do grupo de pesquisa ProPEd, com as letras “Pro” em azul e “PEd” em cinza, e da UERJ, com o brasão em preto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

No canto inferior direito, há um ícone estilizado de acessibilidade: uma figura humana de braços abertos envolta por um círculo, representando inclusão e participação.

GUIA PRÁTICO

DE ACESSIBILIDADE PARA EVENTOS INCLUSIVOS

ORIENTAÇÕES PARA PALESTRANTES,
FACILITADORES E APRESENTADORES

FICHA TÉCNICA

Revisão Técnica

Neuzilene Burock
Adriana da S. Maria Pereira
Suzanli Estef

Diagramação

Neuzilene Burock

Audiodescrição

Adriana da S. Maria Pereira
Daniele Alberich

Ilustração

Daniele Alberich

Projeto gráfico e Capa

Neuzilene Burock

Edição de arte

Neuzilene Burock
Adriana da S. Maria Pereira
Daniele Alberich

Editora chefe	2025 by Atena Editora
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright © 2025 Atena Editora
Editora executiva	Copyright do texto © 2025, o autor
Natalia Oliveira Scheffer	Copyright da edição © 2025, Atena Editora
Assistente editorial	
Flávia Barão	Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.
Bibliotecária	<i>Open access publication by Atena Editora</i>
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora mantém um compromisso firme com a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, assegurando que os padrões éticos e acadêmicos sejam rigorosamente cumpridos. Adota políticas para prevenir e combater práticas como plágio, manipulação ou falsificação de dados e resultados, bem como quaisquer interferências indevidas de interesses financeiros ou institucionais. Qualquer suspeita de má conduta científica é tratada com máxima seriedade e será investigada de acordo com os mais elevados padrões de rigor acadêmico, transparência e ética. O conteúdo da obra e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade, são de responsabilidade exclusiva do autor, não representando necessariamente a posição oficial da Atena Editora. O download, compartilhamento, adaptação e reutilização desta obra são permitidos para quaisquer fins, desde que seja atribuída a devida autoria e referência à editora, conforme os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Os trabalhos nacionais foram submetidos à avaliação cega por pares realizada pelos membros do Conselho Editorial da editora, enquanto os internacionais foram avaliados por pareceristas externos. Todos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Guia prático de acessibilidade para eventos inclusivos - Orientações para palestrantes

Autoras: Adriana da Silva Maria Pereira
Neuzilene Burock
Daniele Alberich
Suzanli Estef

Revisão: As autoras

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
G943	Guia prático de acessibilidade para eventos inclusivos - Orientações para palestrantes, facilitadores e apresentadores / Adriana da Silva Maria Pereira, Neuzilene Burock, Daniele Alberich, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025. Outra autora Suzanli Estef Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-3574-7 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.533251208 1. Serviços sociais para pessoas com deficiência. 2. Língua brasileira de sinais. I. Pereira, Adriana da Silva Maria. II. Burock, Neuzilene. III. Alberich, Daniele. IV. Título. CDD 362.4
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
+55 (42) 3323-5493
+55 (42) 99955-2866
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof^a Dr^a Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof^a Dr^a Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí

Prof^a Dr^a. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof^a Dr^a Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO



Prefácio	1
Apresentação	3
Introdução	5
1. Comece com uma autoaudiodescrição	13
2. Uso de imagens, gráficos e slides	14
3. Legendagem e interpretação em Libras	15
4. Velocidade e clareza na fala	16
5. Organização dos slides e recursos visuais	17
6. Vídeos	19
7. Recursos de apoio à acessibilidade	20
8. Atenção às necessidades do público com TEA	21
9. Materiais impressos	22
10. Respeite o tempo das pessoas	23
11. Disposição do espaço (caso presencial)	24
12. Tenha empatia com quem usa recursos de acessibilidade	25
13. Leitor de tela ou Braille	26
14. Acessibilidade digital de inscrições e certificações ...	27
15. Não presuma, pergunte	29
16. Lembre-se: acessibilidade é um direito	30
Tutorial Prático	31
Considerações Finais	39
Referências	40
Dicas de Leitura, Sites e Cursos Gratuitos	42
Glossário de acessibilidade	44
Conheça as autoras	49

PREFÁCIO

Discutir acessibilidade implica compreender a persistência de múltiplos obstáculos que podem limitar o acesso pleno à informação, à comunicação e à participação social de pessoas com deficiência e necessidades específicas. Essas barreiras vão além da infraestrutura física e podem estar presentes, também, nas formas de linguagem, nos recursos utilizados e na forma como os conteúdos são planejados e apresentados. Reconhecer essas limitações é o primeiro passo para desenvolver práticas mais inclusivas e alinhadas aos princípios da educação inclusiva.

Nos últimos anos, tem crescido o entendimento de que a acessibilidade não é um recurso adicional ou algo restrito a contextos especializados. Trata-se de um direito fundamental, previsto em lei e sustentado por princípios de equidade e justiça social. Mais do que uma adequação técnica, ela exige uma postura ética e comprometida com a inclusão, em que todas as pessoas possam estar, compreender, contribuir e aprender em condições de igualdade. No contexto educacional e cultural, essa reflexão se torna ainda mais urgente. Quem fala em público, compartilha saberes, organiza eventos ou forma pessoas, carrega consigo a responsabilidade de garantir que a informação circule de forma acessível, respeitando a diversidade dos sujeitos que compõem esses espaços.

Foi com esse pensamento que as autoras desenvolveram esse guia: como um instrumento formativo, informativo e prático, pensado para apoiar aqueles que conduzem atividades públicas, educativas, formativas ou artísticas, e que desejam tornar sua comunicação mais sensível, eficaz e inclusiva. O material parte de uma premissa fundamental: a inclusão não é opcional, e a acessibilidade não é favor — é direito.

Assim, este guia foi elaborado com base em legislações nacionais, diretrizes técnicas, experiências vividas e contribuições de profissionais da área. Apresenta uma abordagem clara, acolhedora e objetiva, com recomendações que possam ser colocadas em prática por diferentes profissionais.

Organizada em seções temáticas, o guia traz instruções sobre práticas acessíveis de apresentação, como fazer uma autoaudiodescrição, descrever imagens, utilizar recursos audiovisuais com legendas, respeitar o ritmo da fala, e incorporar intérpretes de Libras, além de orientações sobre o uso de tecnologias assistivas e cuidados na produção de materiais digitais. Apresenta ainda um glossário de termos fundamentais e referências que podem ampliar o repertório de quem deseja conhecer e aprimorar suas práticas.

Mais do que oferecer respostas prontas, este material deseja provocar perguntas, ampliar horizontes e incentivar mudanças concretas. Afinal, não se trata apenas de atender uma normativa ou incluir uma legenda: trata-se de reconhecer a existência do outro como legítima e valiosa, e de se comprometer com a construção de espaços onde todos e todas possam estar, aprender, ensinar e participar com dignidade.

Acredito que esse guia possa ser útil em diversas esferas: eventos acadêmicos, formações de professores, ações culturais, encontros comunitários, espaços escolares, organizações públicas e privadas. Seu conteúdo pode ser adaptado, ampliado e atualizado sempre que necessário, desde que mantido seu propósito fundamental: garantir o acesso à comunicação como um direito humano inegociável.

Que este material seja não apenas um manual de orientações técnicas, mas um convite ao cuidado, à empatia e à transformação.

Boa leitura e boas práticas inclusivas.

Rio de Janeiro, 03 de junho de 2025.

Annie Gomes Redig

Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa
de Pós-Graduação em Educação – ProPED
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Apresentação ao leitor

Vivemos um tempo em que a inclusão não pode mais ser tratada como uma promessa futura — ela precisa se concretizar como prática presente. Nesse contexto, a acessibilidade deixa de ser um gesto isolado e passa a constituir um compromisso coletivo e inadiável, especialmente para aqueles que ocupam espaços de fala, ensino, produção cultural e mediação de saberes.

Este e-book foi idealizado pelas autoras a partir das ações realizadas na coordenação de eventos formativos e acadêmicos, bem como das reflexões construídas no âmbito do Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação (LUPAA), do qual fazem parte como pesquisadoras associadas. O LUPAA tem como missão investigar e desenvolver práticas na área da acessibilidade na avaliação, com ênfase na Educação Inclusiva, além de promover a formação contínua de professores para o atendimento à diversidade. Esta obra se insere, portanto, em um movimento coletivo de pesquisa, extensão e formação comprometido com a construção de espaços verdadeiramente inclusivos e acessíveis.

O guia que ora apresentamos foi elaborado com o propósito de oferecer orientações claras, práticas e acolhedoras a todas as pessoas que conduzem diferentes tipos de apresentações — como palestras, aulas, oficinas, rodas de conversa ou intervenções artísticas. Seu objetivo é garantir que os conteúdos comunicados nesses espaços sejam acessíveis a todos, independentemente das condições sensoriais, cognitivas, físicas ou comunicacionais dos participantes.

Você encontrará, nas páginas a seguir, instruções simples e objetivas para tornar a comunicação, os materiais e as estratégias de interação mais inclusivos, considerando as necessidades de pessoas com deficiência visual, auditiva, física, intelectual, autistas, entre outras. Cada seção aborda situações recorrentes em eventos formativos ou culturais, apresentando sugestões realistas e aplicáveis mesmo por quem está iniciando nessa temática.

As recomendações aqui reunidas foram construídas com base em experiências práticas, escutas sensíveis e diálogos com referenciais teóricos consolidados. Mais do que um manual técnico, este material propõe uma postura ética e comprometida com a valorização da diversidade humana.

Nosso desejo é que este guia possa apoiar a construção de espaços mais justos e acolhedores, em que a acessibilidade se consolide como princípio cotidiano — e não como exceção. Que ele inspire, provoque e transforme práticas, contribuindo para que o direito de todos à participação seja plenamente assegurado.

Nada sobre nós, sem nós.

Introdução

Por que este guia?

Este material foi elaborado para orientar as pessoas que conduzem atividades educativas, culturais ou formativas — como palestras, cursos, aulas, oficinas, apresentações artísticas, mesas de debate, rodas de conversa, entre outros. Acreditamos que a acessibilidade é um direito de todos e uma responsabilidade coletiva. Por isso, cada palestra, oficina e intervenção precisa garantir que todas as pessoas possam participar de forma plena.

Dessa forma, compreendemos que um evento precisa ser pensado para todas as pessoas. Isso significa que a comunicação, o espaço e as práticas devem acolher a diversidade de participantes, incluindo aqueles com deficiência visual, auditiva, física, intelectual, autistas, entre outros.

Essa perspectiva vai além de ajustes pontuais: exige uma mudança cultural que reconheça a diversidade como parte constitutiva de qualquer prática educativa. Como destacam Glat e Blanco (2015), a inclusão só se concretiza quando há uma transformação institucional sustentada por ações colaborativas, compromisso ético e corresponsabilidade entre os sujeitos envolvidos.

Pensando nisso, organizamos este guia com orientações claras e objetivas — para que cada atividade, palestra ou oficina seja, verdadeiramente, acessível. Nosso objetivo é contribuir para que todas as ações desenvolvidas em eventos — sejam elas artísticas, pedagógicas ou formativas — estejam comprometidas com a plena participação de pessoas com diferentes deficiências e necessidades específicas.

Como usar esse guia



As orientações que você encontrará a seguir foram organizadas em seções temáticas, com linguagem clara e estrutura objetiva, a fim de facilitar a consulta e a aplicação prática. Cada seção aborda um aspecto específico relacionado à acessibilidade em apresentações e mediações, trazendo exemplos concretos que podem ser adaptados conforme o contexto de atuação.

Inspirado nos princípios do W3C (Brasil, 2014), este guia busca promover a acessibilidade como parte integrante do planejamento, considerando que a comunicação digital e presencial deve ser clara, perceptível, operável e compreensível para todas as pessoas, independentemente de suas condições sensoriais, cognitivas ou físicas.

Não é necessário seguir uma ordem rígida de leitura. Você pode percorrer o material conforme suas necessidades ou experiências prévias. No entanto, sugerimos começar pelo primeiro capítulo, que trata da autoaudiodescrição — uma prática simples, mas essencial, para promover o reconhecimento e a presença de todos nos espaços de fala.

Este material não pretende ser definitivo, mas sim um ponto de partida para uma escuta mais atenta e uma prática mais sensível à diversidade humana, alinhando-se à perspectiva de que tornar um conteúdo acessível é uma responsabilidade coletiva e um compromisso com os direitos humanos.

Acessibilidade e Interseccionalidades: compreendendo a diversidade como construção social

A acessibilidade é um direito fundamental das pessoas com deficiência. No entanto, o reconhecimento pleno desse direito exige uma compreensão ampliada das identidades humanas como construções sociais, culturais e históricas. Tal perspectiva, inspirada nos Estudos Culturais e na Psicologia Social, desafia as visões essencialistas de identidade e exige uma escuta atenta às múltiplas formas de opressão que se entrecruzam nos corpos e trajetórias das pessoas.

Segundo Valadão e Backes (2019), as identidades e diferenças “não são naturais, mas produzidas”. Elas são moldadas por práticas discursivas e relações de poder que operam nos diferentes contextos sociais — inclusive nos espaços educativos. Assim, ao planejar um evento acessível, é fundamental considerar que os sujeitos não se constituem apenas pela deficiência, mas também por outras dimensões que atravessam suas vidas, como gênero, raça, classe social, território, orientação sexual e religião.

Essa abordagem interseccional permite compreender que uma mulher negra com deficiência, por exemplo, pode vivenciar barreiras distintas das enfrentadas por um homem branco com a mesma deficiência. Do mesmo modo, uma pessoa com deficiência oriunda de territórios periféricos pode ter acesso limitado a tecnologias assistivas ou enfrentar obstáculos adicionais de comunicação e deslocamento.

Como alertam os autores, “a identidade subordinada é sempre um problema: um desvio da normalidade. [...] São identidades marcadas” (Silva, 2010 *apud* Valadão; Backes, 2019, p. 11). Ignorar esses marcadores sociais é perpetuar a exclusão de pessoas cujas diferenças são tratadas como desviantes ou indesejadas nos espaços públicos.

Para tornar a acessibilidade verdadeiramente inclusiva, é necessário:



- considerar as desigualdades de acesso não apenas como questões de deficiência, mas também como efeitos de opressões históricas;
- valorizar a pluralidade dos sujeitos, promovendo escuta ativa e respeito às identidades que rompem com o modelo dominante;
- garantir representatividade em falas, imagens e espaços simbólicos, visibilizando sujeitos com diferentes marcadores de identidade;
- promover ações formativas para que organizadores de eventos estejam preparados para lidar com as diversidades reais, e não idealizadas.

Como apontam os estudos culturais, não basta reconhecer as diferenças: é preciso problematizar os significados que as constituem e transformar as práticas que as excluem. A inclusão começa com o reconhecimento de que a diversidade humana é complexa, interseccional e não negociável.

Marcos legais sobre acessibilidade



1948

Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU)

Afirma a educação, cultura e participação como direitos universais, base para legislações de inclusão.

1988

Constituição Federal do Brasil

Garante igualdade de condições para acesso e permanência na escola; assegura atendimento educacional especializado e recursos de apoio.

2000

Lei nº 10.098/2000 (Lei de Acessibilidade)

Primeira lei brasileira específica de acessibilidade. Define normas gerais e incentiva tecnologias assistivas em edificações, transportes e comunicação.

2004

Decreto nº 5.296/2004

Regulamenta a Lei de Acessibilidade, com padrões técnicos detalhados para espaços, transportes e comunicação.

2006

(Ratificado em 2008)

Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto nº 6.949/2009)

Reconhece acessibilidade como direito humano. Determina acesso universal à informação, comunicação e tecnologias assistivas.

2008

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC)

Determina matrícula de estudantes com deficiência na escola regular e acesso a recursos de acessibilidade e AEE.

2014

Cartilha de Acessibilidade na Web (W3C Brasil)

Define critérios técnicos para acessibilidade digital (leitores de tela, contraste, navegação por teclado).

2015

Lei Brasileira de Inclusão – LBI (Lei nº 13.146/2015)

Marco central. Define acessibilidade em todas as dimensões (arquitetônica, comunicacional, digital, cultural, atitudinal). Garante direito ao acesso a tecnologia assistiva em eventos, escolas e serviços.

2016

Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (MinC)

Estabelece uso de legendas, Libras e audiodescrição em produções culturais e formativas.

2016

Lei nº 13.409/2016 (Cotas no Ensino Superior)

Reserva vagas em universidades e institutos federais para pessoas com deficiência, com direito a recursos de acessibilidade e tecnologias assistivas.

2021

Decreto nº 10.645/2021

Atualiza a Política Nacional de Educação Especial, reforçando a obrigatoriedade de tecnologias assistivas e formação de professores para inclusão.

Da teoria à prática: orientações para apresentações acessíveis

Os marcos legais apresentados até aqui reforçam que a acessibilidade é um direito inegociável e uma responsabilidade coletiva. No entanto, para que esse direito se concretize, é preciso transformar princípios em ações concretas. A partir desta seção, você encontrará orientações práticas, simples e objetivas, que podem ser aplicadas em diferentes contextos — palestras, aulas, oficinas, eventos culturais ou científicos. O objetivo é apoiar palestrantes, facilitadores e organizadores na construção de apresentações mais inclusivas, garantindo que todas as pessoas possam participar de forma plena e autônoma.

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS PARA APRESENTAÇÕES INCLUSIVAS

Leis e diretrizes só se tornam reais quando transformadas em ações. Esta seção apresenta passos práticos para que sua comunicação seja acessível e inclusiva, valorizando a diversidade em cada evento.



1. COMECE COM UMA AUTOAUDIODESCRIÇÃO

Ao iniciar sua atividade, faça sua autoaudiodescrição. Isso ajuda pessoas cegas ou com baixa visão a construírem uma imagem sua:

- diga seu nome;
- gênero e cor da pele;
- tipo de cabelo, óculos, acessórios;
- roupas (principalmente se tiverem cores marcantes ou estampas);
- o que aparece ao fundo (ex: parede branca, estante, janela).



Figura 1- Exemplo de autoaudiodescrição



Fonte: Imagem gerada na IA Copilot (2025)

Exemplo para autoaudiodescrição: Sou Marcos, tenho 27 anos, 1,75 m de altura, sou de pele clara. Tenho cabelos lisos, pretos e curtos, penteados para o lado. Uso óculos de grau com armação preta e redonda. Meus olhos são escuros e tenho sobrancelhas grossas. Estou com uma expressão neutra e serena. Visto uma camiseta cinza por baixo de uma camisa azul jeans aberta. Ao fundo, o ambiente é interno, bem iluminado, com paredes claras e cortinas brancas. Também é possível ver alguns móveis, como uma luminária de chão e uma cadeira.

2. USO DE IMAGENS, GRÁFICOS E SLIDES

Se usar imagens em sua apresentação, descreva-as oralmente. Muitas pessoas não conseguem ver as imagens projetadas. Se for mostrar slides, gráficos, fotos ou cartazes, descreva o essencial em voz alta. Leve em conta o tempo dedicado a isso, incorporando-o nos minutos que você tem para fazer sua exposição.

- Sempre descreva oralmente o que aparece nas imagens, de forma objetiva e breve.
- Descreva de cima para baixo e da esquerda para a direita.
- Dê prioridade às informações que ajudam a entender a mensagem.
- Evite detalhes supérfluos (como "o tom exato de azul") se não forem relevantes.
- Priorize o que ajuda a entender o conteúdo da imagem.

Figura 2 - Exemplo de audiodescrição de imagem.



Fonte: Imagem gerada na IA Copilot (2025)

Exemplo de audiodescrição: Imagem colorida de uma sala de aula com disposição em círculo. Ao centro, há um estudante, de pele clara e cabelos curtos e castanhos, utilizando cadeira de rodas. Ele está sorrindo e gesticulando enquanto conversa com um grupo de crianças sentadas ao redor, em semicírculo, no chão da sala. As crianças são diversas, com diferentes tons de pele e características, todas voltadas para a roda com expressões de atenção e interesse. No chão, há alguns cadernos abertos. Ao fundo, quadros coloridos, cartazes, desenhos infantis e uma lousa verde com os dizeres em destaque: "Educação Inclusiva: compromisso de todos." O ambiente é alegre, acolhedor e representativo da diversidade escolar. A imagem transmite a mensagem de inclusão, respeito e participação coletiva no processo educativo.

3. LEGENDAGEM E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS



A presença de tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras) é essencial para assegurar a participação plena de pessoas surdas em eventos e atividades formativas.

- Sempre que possível, utilize vídeos legendados, especialmente em vídeos gravados e não transmitidos ao vivo, recomenda-se a inclusão de legendas após a finalização do material. Caso o vídeo seja publicado no YouTube, é possível utilizar a ferramenta de legendagem automática, que pode ser posteriormente revisada e ajustada conforme necessário.



- Disponibilize intérprete de Libras posicionado com boa visibilidade na tela (preferencialmente no canto inferior esquerdo), com fundo neutro e boa iluminação.

Dica: se for utilizar o YouTube, revise as legendas automáticas.

Veja aqui um tutorial de como colocar legendas em inglês e português em vídeos:

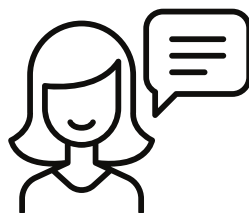
<https://www.youtube.com/watch?v=xEwsMt4XDmM&t=1s>

4. VELOCIDADE E CLAREZA DA FALA



- Fale em ritmo moderado e com clareza, evitando falar rápido demais. Essa prática facilita a interpretação em Libras, o acompanhamento por pessoas surdas oralizadas e o funcionamento de softwares de legenda automática.
- Faça pausas entre as ideias e não sobrecarregue com muitas informações de uma vez.

Dica prática: se você estiver usando slides, leia o conteúdo principal e comente, ao invés de apenas “passar os slides” rapidamente.



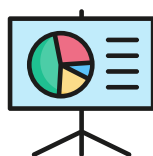
5. ORGANIZAÇÃO DOS SLIDES, PÔSTERS E RECURSOS VISUAIS

- Legendação (não só das falas, mas também dos sons importantes).



- Utilize contraste entre as cores de plano de fundo e texto.
- Para elaboração de slides, use um tamanho de fonte maior (**18 pt ou maior**), fontes Sans serif ou Arial e espaço em branco suficiente no entorno para facilitar a legibilidade.

- Utilize Audiodescrição.



- Use frases curtas e simples.

- Evite parágrafos longos.

- Caso sua apresentação contenha imagens, procure descrevê-las de forma clara e objetiva, destacando sua função e o conteúdo representado. Sempre que possível, adicione legendas explicativas.



- Ao incluir vídeos em sua atividade, certifique-se de que eles estejam acessíveis a todos os participantes, considerando recursos como legendas, audiodescrição e janela de Libras, quando necessário.





- Dê preferência ao uso de arquivos em formato editável, para que possam ser lidos por softwares de leitura de tela — recurso utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão. Evite salvar slides ou pôsteres exclusivamente como imagem.
- Dê preferência à linguagem direta e pessoal: diga “você” ao invés de “participante” ou “público”.
- Utilize recursos visuais (imagens, ícones, gráficos) que comuniquem com clareza e relevância.
- Se for usar YouTube, ative as legendas automáticas e não deixe de revisar.



Veja como ativar legendas automáticas neste vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=CME_VC04nwk

6. VÍDEOS

A popularização dos smartphones e das redes sociais tornou a produção de vídeos mais acessível e frequente. No entanto, para obter um bom resultado e acessibilidade, é fundamental ter atenção a aspectos como iluminação adequada, captação de áudio, planejamento do conteúdo, enquadramento da imagem e recursos de acessibilidade.

Dica: caso utilize slides durante o vídeo, lembre-se de seguir as recomendações de acessibilidade apresentadas neste guia—isso é essencial para garantir que o conteúdo seja compreensível por todos os públicos.



Para quem pretende gravar vídeos informativos ou apresentações em vídeo, recomendamos a consulta ao **“Guia para boas práticas em produção de videopalestras”**, que reúne orientações objetivas e sugestões úteis para facilitar o processo de gravação.

Acesso o **Guia para boas práticas em produção de videopalestras** em:
<https://proedu.rnp.br/handle/123456789/1663>



7. RECURSOS DE APOIO À ACESSIBILIDADE

- **Se possível, disponibilize:**

- slides com contraste adequado (ex: fundo escuro com letra clara ou vice-versa);
- na escolha da fonte, dê preferência a fontes sem serifa (sans-serif), como Arial e Verdana;
- arquivos digitais acessíveis com descrição de imagens e estrutura de leitura por leitores de tela;
- audiodescrição dos vídeos, principalmente se eles tiverem informações visuais relevantes.

Figura 3 - Exemplo de fonte com e sem serifa

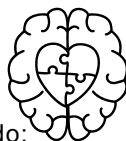


Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/978618194000497684/>

8. ATENÇÃO ÀS NECESSIDADES DO PÚBLICO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA):

- cuidado com luzes, sons e estímulos visuais. Pessoas autistas ou com sensibilidade sensorial podem se sentir desconfortáveis;
- evite luzes piscantes ou sons muito altos;
- seja objetivo e evite mudanças abruptas no conteúdo;
- vídeos com muita transição rápida ou cores fortes;
- sempre informe com antecedência sobre alterações na programação ou local.



Dica: prefira uma estética calma e limpa, com cores neutras e sons suaves.

9. MATERIAIS IMPRESSOS



Caso distribua materiais impressos, garanta:

- fonte legível (**mínimo 12 pt, preferencialmente sem serifa**);
- espaçamento entre linhas;
- versão digital acessível (em PDF estruturado ou Word com marcações adequadas).



10. RESPEITE O TEMPO DAS PESSOAS



Alguns participantes podem precisar de mais tempo para interpretar, responder ou se organizar.

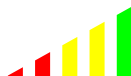
- Não interrompa alguém que esteja falando devagar.
- Dê tempo para a plateia processar as perguntas antes de esperar respostas.
- Explique o que vai acontecer a seguir na atividade, para ajudar quem precisa de previsibilidade (inclusive autistas).



11. DISPOSIÇÃO DO ESPAÇO (CASO PRESENCIAL)

Garanta:

- acessos com rampas ou elevadores;
- acessos livres de barreiras físicas;
- evite cadeiras empilhadas obstruindo passagens;
- tenha lugares reservados para cadeirantes e acompanhantes;
- ofereça apoio para pessoas com deficiência visual encontrarem seu lugar;
- sinalização visível e contrastante;
- assentos reservados para pessoas com mobilidade reduzida e acompanhantes.



12. TENHA EMPATIA COM QUEM UTILIZA RECURSOS DE ACESSIBILIDADE



Se houver intérprete de Libras, lembre-se:

- fale olhando para o público, não para o intérprete;
- evite bloquear a visão da janela de Libras;
- dê pausas entre os tópicos, para que a tradução aconteça com qualidade.

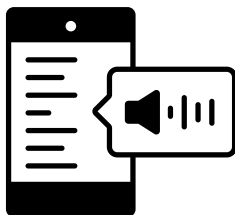


13. LEITOR DE TELA OU BRAILLE



Se houver pessoa utilizando leitor de tela ou braille, tenha em mente:

- arquivos digitais devem ser acessíveis (PDFs com texto, não imagens);
- evite enviar ou disponibilizar textos em imagem sem alternativa em texto.



14. ACESSIBILIDADE DIGITAL DE INSCRIÇÕES E CERTIFICAÇÕES

A garantia da acessibilidade digital é parte essencial da organização de eventos — desde o momento da inscrição até a disponibilização de materiais de apoio. Isso significa que formulários, apresentações, sites, PDFs e até mesmo certificados precisam ser planejados de forma que todas as pessoas possam acessar, compreender e interagir com o conteúdo, independentemente de usarem leitores de tela, navegação por teclado, ampliadores de tela ou outros recursos de tecnologia assistiva.

1. Formulários de inscrição

- Utilize plataformas compatíveis com leitores de tela e que permitam navegação por teclado.
- Sempre insira títulos claros nos campos (ex.: “Nome completo”, “E-mail de contato”).
- Inclua um campo específico para que a pessoa participante indique necessidades de acessibilidade (intérprete de Libras, audiodescrição, guia-intérprete, materiais em braille, versão digital acessível etc.).
- Evite formulários apenas em PDF não editável; prefira versões em HTML ou Word acessível.



2. Materiais digitais do evento

- Estructure os arquivos: use títulos e subtítulos hierarquizados (Títulos 1, 2, 3) para que leitores de tela possam navegar pelo conteúdo.
- Insira texto alternativo (alt text) em imagens, gráficos e tabela.

- Utilize contraste adequado entre fundo e texto (ex.: branco e preto, azul escuro e branco).
- Prefira arquivos em formatos editáveis (Word, PowerPoint, PDF estruturado). Nunca disponibilize apenas imagens escaneadas.
- Verifique a acessibilidade de apresentações no PowerPoint ou no Google Slides usando as ferramentas internas de checagem (“Verificador de acessibilidade”).

3. Certificados e comunicados

- Certificados digitais devem ter texto em formato editável, não apenas como imagem.
- Evite inserir informações importantes somente por cores ou ícones; use também texto descritivo.
- Comunicados por e-mail ou site devem seguir linguagem clara, com frases objetivas e sem jargões técnicos desnecessários.



15. NÃO PRESUMA, pergunte!



- Não subestime a capacidade das pessoas com deficiência.
- Pergunte diretamente: “Você prefere que eu explique de outra forma?” ou “Posso ajudar de algum jeito?”
- Evite infantilizar, tocar sem permissão ou fazer suposições.



16. LEMBRE-SE: ACESSIBILIDADE É UM DIREITO!



Seguindo essas orientações, você estará garantindo o direito de todas as pessoas de participarem plenamente do evento, seja ele, uma aula, um congresso, seminário, exposição, encontro mediado por tecnologias, entre outros.

Na próxima página você encontrará um tutorial do passo a passo de como planejar uma apresentação acessível.

A inclusão se faz na prática!



Tutorial Prático: como planejar uma apresentação acessível



As orientações apresentadas até aqui oferecem caminhos essenciais para tornar eventos e apresentações mais inclusivos. Agora, é hora de reunir essas recomendações em um roteiro simples e objetivo, que servirá como guia rápido para palestrantes, facilitadores e organizadores.

O tutorial prático a seguir foi pensado como um checklist de apoio, para que cada detalhe seja considerado desde o planejamento até a execução do evento, garantindo a plena participação de todas as pessoas.

Passo a passo para apresentações acessíveis



Objetivo:

orientar palestrantes, professores e facilitadores para planejar e conduzir apresentações acessíveis a partir das recomendações do guia.

Etapas para garantir a acessibilidade em apresentações

1. Autoaudiodescrição

Ao iniciar o discurso, faça sua Autoaudiodescrição.



O que é? A autoaudiodescrição consiste na apresentação oral das características físicas e do ambiente do/a palestrante, para criar uma imagem mental acessível para pessoas cegas ou com baixa visão.

Objetivo: incluir participantes com deficiência visual desde o início da apresentação.

Recomendação: grave um vídeo ou áudio com sua autoaudiodescrição ou escreva-a previamente e pratique sua apresentação.

Modelo:

Figura 4 - Exemplo de autodescrição



Fonte: Imagem gerada na IA Copilot (2025)

“Sou Ana, mulher branca, cabelos castanhos lisos na altura dos ombros, uso óculos de armação azul. Visto uma blusa vermelha com detalhes florais. Ao fundo, uma estante com livros e uma planta. Estou sorrindo.”

2. Acessibilidade dos Slides

Objetivo: tornar os materiais visuais acessíveis a pessoas com deficiência visual e auditiva.



Boas práticas para elaboração de slides:

- usar fontes sem serifa (ex: Arial, Verdana);
- tamanho de fonte mínimo de 18 pt;
- contraste de cores (ex: fundo escuro com letra clara);
- evitar blocos de texto longos;
- adicionar descrição alternativa a imagens e gráficos;
- oferecer versão acessível do material em PDF ou Word com leitura por leitores de tela;
- usar ferramentas como "Verificador de Acessibilidade" no PowerPoint.

3. Descrição Oral de Imagens e Gráficos

Objetivo: assegurar que todas as informações visuais também sejam compreendidas por pessoas com deficiência visual.

Prática recomendada: durante a apresentação, descreva as imagens de forma objetiva. 

Exemplo:

Figura 5 - Exemplo de descrição de imagem



Fonte: Imagem gerada na IA Copilot (2025)

“Foto de uma sala de aula em semicírculo. Ao centro, uma professora cadeirante interage com crianças de diferentes tons de pele. Ao fundo, cartazes coloridos com o tema ‘Educação Inclusiva’.”

4. Uso de Vídeos com Acessibilidade

Objetivo: ampliar a compreensão de conteúdos audiovisuais para todos os públicos.



Boas práticas:

- utilize vídeos com **legenda** e **janela de Libras**;
- incluir **audiodescrição** quando houver conteúdo visual relevante;
- ao gravar vídeos próprios, fale com clareza, ritmo moderado e voz estável;



5. Empatia e Comunicação Inclusiva

Objetivo: respeitar o tempo e as formas de participação de todos os envolvidos.

Dicas práticas:

- fale olhando para o público, não para o intérprete de Libras;
- ofereça pausas entre as falas e blocos de informações;
- evite toques sem consentimento ou suposições sobre a deficiência das pessoas;
- pergunte: “Posso ajudar de alguma forma?”

Trabalhando com Intérpretes de Libras e tradutores de idiomas



Objetivo:

oferecer diretrizes básicas para que palestrantes saibam **como colaborar de forma adequada com intérpretes de Libras e tradutores de línguas orais** durante apresentações e mesas-redondas em eventos acadêmicos e científicos.



Etapas

1. Antes do evento

- **Antecipe os intérpretes com materiais relevantes**, envie o material com antecedência como os slides da apresentação, palavras técnicas ou vocabulário específico. Isso ajuda na precisão e fluidez da tradução, ajudando o intérprete e o tradutor a se prepararem tecnicamente e linguisticamente.

- Informe nomes próprios, siglas e expressões que exigem preparação linguística prévia.
- **Sempre que possível, realize uma breve reunião com a equipe de intérpretes** (Incluindo equipe de tradutores e de Libras) antes do início do evento para esclarecer termos e alinhar expectativas, esclarecer termos e combinar estratégias.

2. Realização do evento: configuração do espaço

- **Posicione-se de frente para o público e intérpretes**, mantendo linha de visão aberta. Evite ficar de lado ou bloquear a visualização dos intérpretes por parte dos participantes surdos.
- **Garanta iluminação adequada sobre o intérprete de Libras**, de modo que suas expressões e sinais sejam plenamente visíveis.

3. Durante a apresentação

- **Opte por falar de forma clara e em ritmo moderado**, ligeiramente mais lento do que o normal. Isso permite que os intérpretes acompanhem com precisão, permitindo que os intérpretes acompanhem sem perder informações.
- **Use um tom de voz estável e evite interrupções ou sobreposição de falas**. Tradutores precisam tempo para captar e traduzir com precisão.
- **Evite interromper ou falar simultaneamente com outras pessoas** enquanto os intérpretes trabalham. Use um microfone ou aguarde sua vez para falar.
- **Procure não ler os slides de forma mecânica**; adicione explicações orais que complementem o conteúdo visual. Isso limita a interpretação.
- **Direcione seu discurso ao público**, e não ao intérprete.
- **Faça pausas estratégicas, especialmente após blocos densos de informação ou listas extensas, para permitir a conclusão da interpretação**. Isso permite que o intérprete conclua a tradução de forma completa, evitando sobreposição e garantindo compreensão plena.
- **Evite jargões, gírias e termos regionais**, a menos que previamente explicados e avisados aos intérpretes.



4. Colaboração com equipe de intérpretes

- **Em caso de uso de duplas ou mais intérpretes**, o rodízio pode ser planejado a cada 15–20 minutos para evitar fadiga e garantir alta qualidade. Alternativas incluem intérpretes surdos trabalhando em conjunto com intérpretes ouvintes.
- **Mantenha interação mínima com os intérpretes durante a apresentação** — qualquer dúvida ou ajuste deve ser tratado antes ou depois do evento para evitar distrações.



5. Durante discussão

- **Faça as perguntas aos participantes** em vez de direcioná-las ao intérprete. Isso valoriza o público surdo como interlocutor.
- **Espere aproximadamente 3-5 segundos** antes de passar a palavra para outra pessoa, permitindo o tempo necessário para a tradução completar seu ciclo.
- Aguarde a interpretação da pergunta antes de responder.
- Evite conversar com o público ao mesmo tempo em que alguém estiver sendo traduzido.
- Se o evento contar com perguntas em Libras ou em outra língua, aguarde a mediação do intérprete/tradutor com paciência.

6. Ética e postura profissional

- **Respeite a neutralidade do intérprete**: ele não deve acrescentar, omitir ou reinterpretar partes do discurso. Solicitações de opiniões ou explicações pessoais não são apropriadas durante o evento.
- **Colabore com confidencialidade e profissionalismo**, evitando pedidos extras ou conversas paralelas que comprometam o trabalho do intérprete.

Palestras online com tradução simultânea de idiomas

✓ Conheça a plataforma utilizada

o Verifique se a plataforma possui função de tradução simultânea (Zoom, MS Teams, YouTube, Google, Meet, etc.).

o Saiba em qual canal o tradutor estará e oriente o público, caso necessário.

o Oriente os participantes sobre como acessar os canais de áudio

✓ Teste de som e microfone

o Utilize fone de ouvido com microfone externo de boa qualidade.

o Minimize ruídos de fundo e eco.



✓ Evite falar com vídeos abertos em segundo plano

o Isso pode gerar confusão para o tradutor e sobreposição de sons.

➤➤➤➤ Durante a Apresentação ➤➤➤➤

1. Fale com ritmo estável e natural

- Evite falar rápido demais. A tradução simultânea exige tempo de escuta e conversão quase imediata.

2. Use frases curtas e objetivas

- Isso ajuda o tradutor a manter a clareza e evita perdas de conteúdo.

3. Evite jargões, expressões regionais ou trocadilhos

- Ou, se forem necessários, explique brevemente o significado.

4. Não leia os slides integralmente

- Ofereça conteúdo complementar à apresentação visual, para que o tradutor tenha mais contexto.

5. Dê pausas entre blocos de informação

- Isso dá fôlego ao tradutor e melhora a compreensão do público.

6. Respeite o tempo dos intérpretes

- Evite intercalar comentários ou mudar de assunto abruptamente.
-

Interações e Dinâmicas

- Aguarde a conclusão da tradução antes de responder perguntas.
- Se houver perguntas em diferentes idiomas, espere a tradução antes de responder.
- Nas dinâmicas de grupo (como em salas simultâneas), explique claramente as instruções, de preferência por escrito no chat também.



Câmera e Compartilhamento de Tela

- Mantenha a **câmera ligada** sempre que possível: isso facilita a leitura facial e a conexão com o público.
- Se compartilhar tela com muitos textos, leia apenas os tópicos principais e comente, sem sobrecarregar a fala.

Recursos Visuais de Apoio



- Utilize **legendas** sempre que possível (algumas plataformas permitem ativá-las automaticamente).
- Insira ícones, imagens e recursos visuais que auxiliem a compreensão global.

A presença de tradutores simultâneos em eventos online amplia o alcance e a democratização do conhecimento. Para isso, a participação consciente e colaborativa do palestrante é essencial. Uma fala clara, pausada, organizada e respeitosa com os tempos de escuta e conversão linguística transforma a comunicação em uma ponte sólida entre diferentes públicos.

O respeito à atuação dos intérpretes e tradutores é um compromisso com a **acessibilidade, a diversidade e a qualidade da comunicação**. Pequenas atitudes do palestrante colaboram muito para a inclusão plena de pessoas surdas, estrangeiras ou que utilizem recursos linguísticos diversos para acesso à informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A acessibilidade não deve ser entendida como um adendo às práticas educativas e culturais, mas como um princípio estruturante de qualquer proposta que se pretenda, de fato, democrática. Tornar um conteúdo acessível é um gesto ético, pedagógico e político — que reconhece a diversidade como condição constitutiva da experiência humana.

Essa diversidade, no entanto, não se limita à deficiência. Gênero, raça, classe, território, orientação sexual, religião e outras dimensões identitárias se entrecruzam e influenciam profundamente a forma como cada pessoa acessa, participa e é reconhecida nos espaços de fala. Pensar acessibilidade é, portanto, pensar também em interseccionalidade: reconhecer que as barreiras não são apenas físicas ou comunicacionais, mas também simbólicas, estruturais e históricas.

As orientações aqui reunidas não têm a pretensão de esgotar o tema, mas sim de oferecer subsídios práticos e conceituais para que cada apresentador(a), mediador(a), professor(a) ou facilitador(a) possa refletir sobre o alcance e os limites de sua comunicação. Acreditamos que a transformação começa na escuta, no cuidado com a linguagem, nas pausas que permitimos e nos recursos que oferecemos.

Esperamos que este guia contribua para o fortalecimento de uma cultura de acessibilidade em eventos acadêmicos, educativos e culturais, promovendo espaços em que todas as pessoas se sintam respeitadas, acolhidas e representadas em suas múltiplas identidades.

A acessibilidade, quando assumida como prática cotidiana, deixa de ser exceção e passa a ser sinônimo de qualidade, compromisso e responsabilidade social. Incluir é um ato contínuo de escuta e de ação — um movimento coletivo que se renova a cada fala, a cada encontro e a cada produção compartilhada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

BRASIL. Ministério da Cultura. *Guia para produções audiovisuais acessíveis*. Brasília: MinC, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/biblioteca-cultura-viva/documentos-e-publicacoes/documentos/minc-guia-para-producoes-audiovisuais-acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-2016.pdf/view>

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2004. 94 p. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>

GEROTO, Isadora Victorino Evangelista; MARIANO, Maria Aparecida de Lourdes; AMARAL, Maria Helena Sachi do; VIVIANI, Pedro; TREVISAN, Sueli Fioramonte. *Guia para produção de documentos e conteúdos digitais acessíveis para o Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar*. Universidade Federal de São Carlos, Sistema Integrado de Bibliotecas. São Carlos, 2021. 43 p. Disponível em: <https://www.sibi.ufscar.br/arquivos/versao-final-do-guia-para-producao-de-documentos-e-conteudos-digitais-acessiveis-para-o-sibi-1-4.pdf>

GLAT, Rosana; BLANCO, Vera Ester Sánchez. *Por uma cultura de colaboração para inclusão escolar: desafios e possibilidades*. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 21, n. 1, p. 19–34, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/46TchJ98ZcyvZ3Xb5X7ZkFy>

NAVES, Sylvia Bahiense. *Guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais*. 2015. Disponível em: <https://turismoadaptado.wordpress.com/2016/01/19/guia-orientador-para-a-acessibilidade-de-producoes-audiovisuais/guia-orientador-para-a-acessibilidade-de-producoes-audiovisuais/>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. Nova Iorque: ONU, 2006. Ratificada pelo Brasil em 2008. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/533163/conven%C3%A7%C3%A3o.pdf>

SANTOS, Simone Costa Andrade; BATTESTIN, Vanessa; RIBEIRO, Luís Otoni Meireles. *Guia para boas práticas em produção de vídeopalestras: um guia com orientações simples e práticas para a elaboração de vídeos (in)formativos*. São Luiz, MA: IFMA, 2020. Disponível em: <https://proedu.rnp.br/handle/123456789/1663>

VALADÃO, Alberto Dias; BACKES, José Licínio. *A produção das identidades/diferenças pela pedagogia da alternância no CEFFA de Ji-Paraná/RO*. Psicologia & Sociedade, [S. l.], v. 31, e188427, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bXxLhzdgHGX6qCGykfRNX8g/?lang=pt>

W3C BRASIL. *Cartilha de acessibilidade na web*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. Disponível em: <https://w3c.br/web-para-todos/cartilhas-de-acessibilidade-na-web/>

DICAS DE LEITURA, SITES E CURSOS GRATUITOS



Leituras recomendadas:

- Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146/2015
- Cartilha de Acessibilidade na Web – W3C Brasil (<https://acessibilidade.gov.br>)
- Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis – Ministério da Cultura
- Tutorial para legendagem de vídeos: https://www.youtube.com/watch?v=CME_VC04nwk
- Boas práticas para equipes de intérpretes surdos e ouvintes em conferências. <https://inclusiveasl.com/accessibility/best-practices-for-deaf-and-hearing-interpreter-teams-at-conferences/>
- Como fazer uma palestra acessível: dicas para atingir todos os públicos. <https://www.handtalk.me/br/blog/palestra-acessivel-dicas/>
- Como funciona a Tradução Simultânea em plataformas de videoconferência? <https://catalogodetradutores.com.br/como-funciona-a-traducao-simultanea-em-plataformas-de-videoconferencia/>
- Guia para palestrantes em reuniões com tradução simultânea. <https://www.interprefy.com/resources/blog/guide-for-speakers-with-simultaneous-interpretation>
- *Palestrante e intérprete: Como trabalhar juntos?* Disponível em: <https://catalogodetradutores.com.br/palestrante-e-interprete/>

DICAS DE LEITURA, SITES E CURSOS GRATUITOS

Cursos online gratuitos:

- Diversidade e Inclusão na Educação (Plataforma Lúmina/UFRGS)
- Educação Inclusiva (Escola Virtual.Gov)
- Curso de Audiodescrição e Acessibilidade: Comunicação para TODOS: recursos e ferramentas de acessibilidade - Edição 2025. Acesse em: <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=472>
- Disciplina: Ledor e transcritor - Edição 2025.2. Programa de Formação Continuada de Professores. Acesse: <https://extensao.cecierj.edu.br/cursos/programa-de-formacao-continuada-de-professores/2025-2/5617.php>
- Disciplina: Audiodescrição didática. Programa de Formação Continuada de Professores. Edição: 2025.2 Acesse: <https://extensao.cecierj.edu.br/cursos/programa-de-formacao-continuada-de-professores/2025-2/5604.php>



GLOSSÁRIO DE ACESSIBILIDADE

- **Acessibilidade**

Conjunto de ações e recursos que garantem que todas as pessoas — com ou sem deficiência — possam acessar, compreender e participar plenamente de ambientes, conteúdos e atividades.

- **Acessibilidade Comunicacional**

Conjunto de práticas que asseguram a compreensão de mensagens por todos os participantes, independentemente de sua forma de comunicação. Inclui recursos como Libras, legendas, leitura labial, linguagem simples e materiais visuais claros.

Exemplo: Usar intérprete de Libras e legendas simultâneas em uma palestra.

- **Acessibilidade Informacional**

Estratégias que tornam conteúdos orais, impressos ou digitais compreensíveis e utilizáveis por todas as pessoas.

Exemplo: Disponibilizar slides em formato editável para leitura por softwares de tela.

- **Ambiente Inclusivo**

Espaço físico ou virtual planejado para receber diferentes pessoas, considerando rampas, sinalização, organização do mobiliário e recursos de acessibilidade digital.

Exemplo: Sala de conferência com lugares reservados para cadeirantes e janela de Libras projetada na tela.

- **Audiodescrição**

É uma narração adicional que descreve imagens, ações, expressões e ambientes, voltada para pessoas com deficiência visual.

Exemplo: “Mariana sorri e aponta para o quadro, onde há um gráfico colorido.”



GLOSSÁRIO DE ACESSIBILIDADE

- **Intérprete de Libras (TILS)**

Profissional habilitado para traduzir e interpretar conteúdos em Libras e português. Pode ser surdo ou ouvinte. Deve ser posicionado em local visível.

- **Janela de Libras**

Espaço visual, geralmente no canto da tela ou do palco, onde aparece o intérprete de Libras traduzindo o conteúdo para pessoas surdas.

- **Janela de Tradução Simultânea**

Espaço na tela, em transmissões online, onde aparece o tradutor de idiomas, permitindo que diferentes públicos acompanhem o conteúdo em tempo real.

Exemplo: Palestra transmitida no YouTube com janela de tradução para o inglês.

- **Leitura labial**

Forma de comunicação usada por algumas pessoas surdas ou com deficiência auditiva, que consiste em observar os movimentos dos lábios para entender a fala. Por isso é importante falar de frente e com boa iluminação.

- **Autoaudiodescrição**

É a apresentação oral de como a pessoa se parece fisicamente (cor da pele, cabelo, roupa, acessórios, ambiente ao fundo). Auxilia a comunicação com pessoas cegas ou com baixa visão.

Exemplo: “Sou uma mulher negra, de cabelos crespos presos, uso blusa vermelha e estou em frente a uma estante com livros.”

- **Barreiras de Acessibilidade**

Obstáculos que dificultam ou impedem a participação plena. Podem ser físicas, comunicacionais, tecnológicas, metodológicas, atitudinais ou simbólicas.

Exemplo: Slides com fonte pequena ou contraste insuficiente são barreiras comunicacionais.



GLOSSÁRIO DE ACESSIBILIDADE

- **Desenho Universal**

Conceito de planejar espaços e materiais, ambientes, produtos e serviços desde o início para que possam ser usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação posterior.

Exemplo: usar fontes legíveis, áudio com legendas, rampas de acesso.

- **Legenda**

Texto que aparece na tela para representar falas, sons e efeitos sonoros. Pode ser usada por pessoas surdas, ensurdecidas ou por quem está em ambiente silencioso.

- **Legenda automática**

Recurso gerado por plataformas como YouTube e Google Meet, que transcrevem a fala em tempo real. Pode conter erros, por isso é importante revisar ou corrigir.

- **Libras (Língua Brasileira de Sinais)**

É a língua usada pela comunidade surda no Brasil. Tem estrutura gramatical própria, e não é apenas uma “tradução” do português.

- **Materiais Digitais Acessíveis**

Arquivos preparados em formatos compatíveis com tecnologias assistivas, com descrições alternativas em imagens e hierarquia de títulos.

Exemplo: PDF com texto estruturado e não apenas como imagem escaneada.

- **Pessoas com deficiência (PcD)**

Termo oficial para se referir a pessoas com impedimentos físicos, sensoriais, intelectuais ou múltiplos. Esses impedimentos, quando combinados com barreiras, podem limitar sua participação plena na sociedade.



GLOSSÁRIO DE ACESSIBILIDADE

- **Pessoa com deficiência visual**

Pode ser uma pessoa cega ou com baixa visão. Necessita de recursos como audiodescrição, contraste visual e leitura em voz alta dos conteúdos.

- **Pessoa com deficiência auditiva ou surda**

Pode usar aparelho auditivo, Libras, leitura labial ou legendas para compreender o conteúdo. Nem toda pessoa surda se comunica da mesma forma.

- **Pessoa com deficiência intelectual**

Pode ter mais dificuldades em compreender, memorizar ou organizar informações. Por isso, precisa de linguagem simples, clareza e tempo adicional.

- **Pessoa com deficiência física**

Pode ter mobilidade reduzida e usar cadeira de rodas, muletas ou próteses. Requer ambientes com acesso livre de barreiras, rampas e espaços adequados.

- **Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

TEM ESTILO PRÓPRIO DE COMUNICAÇÃO, SENSIBILIDADE A ESTÍMULOS (SONS, LUZES) E NECESSIDADE DE PREVISIBILIDADE. BENEFICIA-SE DE INFORMAÇÕES VISUAIS CLARAS, EXPLICAÇÕES OBJETIVAS E AMBIENTES TRANQUÍLOS.

- **Pré-visualização de Conteúdo**

Disponibilização antecipada de materiais como slides ou glossários para intérpretes, tradutores e participantes com deficiência, garantindo autonomia e melhor preparação.

Exemplo: Enviar os slides para o intérprete de Libras antes do evento.



GLOSSÁRIO DE ACESSIBILIDADE

- **Ritmo de Fala**

Velocidade controlada e clara ao se comunicar, com pausas que permitem o acompanhamento por intérpretes, legendas automáticas e participantes.

Exemplo: Falar em ritmo moderado para que o público surdo acompanhe a interpretação em Libras.

- **Sensibilidade Sensorial**

Condição de algumas pessoas, especialmente autistas, caracterizada por forte reação a sons, luzes ou estímulos visuais. Exige ambientes planejados com cores neutras, sons suaves e menos ruído.

Exemplo: Evitar o uso de luzes piscantes em um evento.

- **Serifa**

Pequeno traço ou prolongamento presente nas extremidades das letras em algumas fontes tipográficas. Fontes sem serifa são recomendadas por terem um design mais limpo e facilitar a distinção entre caracteres.

- **Tecnologia Assistiva Digital**

Softwares, aplicativos e recursos tecnológicos que apoiam a acessibilidade em eventos e aulas online.

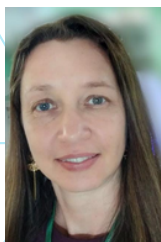
Exemplo: Leitores de tela, legendas automáticas e aplicativos de tradução simultânea.

CONHEÇA AS AUTORAS



Adriana da Silva Maria Pereira é doutoranda em Educação pela UERJ e mestre em Educação Inclusiva pelo PROFEI/UNESP. Graduada em Letras, Pedagogia e Ciências Sociais, possui diversas especializações nas áreas de Educação Especial, Neuropsicopedagogia e Tecnologias Educacionais. Atua desde 2010 como professora na SEEDUC/RJ e, desde 2014, como professora itinerante de Educação Especial na Prefeitura de Nova Iguaçu. Além disso, é coordenadora e professora mediadora nos projetos de extensão na Fundação CECIERJ. Participa de grupos de pesquisa focados em políticas públicas, formação docente, educação inclusiva, avaliação acessível e tecnologias assistivas.

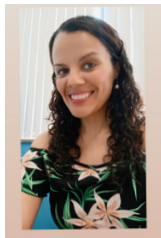
Contato: silva.maria@unesp.br



Neuzilene Burock é doutoranda em Educação e mestre em Educação pelo ProPED/UERJ. Graduada em Pedagogia pela UERJ. Pós-graduada em Psicopedagogia e Educação Especial, e especialista em Alfabetização e Letramento. Especialista em Docência do Ensino Básico pelo Colégio Pedro II. Professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na rede municipal de Duque de Caxias – RJ, com atuação na Sala de Recursos Multifuncionais. Pesquisadora no Laboratório de Pesquisas em Acessibilidade na Educação (LUPAA/UERJ), no Laboratório de Pesquisas em Educação Especial (LAPEE/UERJ) e no grupo de pesquisa “Letramento na Educação Especial: Processos Cognitivos e Psicossociais (UERJ)”.

Contato: burockpesquisauerj@gmail.com

CONHEÇA AS AUTORAS



Daniele Alberich é Mestranda em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (CMPDI/UFF). Graduada em Artes Visuais pela UERJ, Psicopedagoga, atua na Educação Básica há 15 anos. Professora do Atendimento Educacional Especializado do Instituto Helena Antipoff (IHA) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ). Pesquisadora no Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação LUPAA/UERJ, no Laboratório de Pesquisas em Educação Especial (LAPEE/UERJ) e no Laboratório de Ensino Inclusivo e Interdisciplinaridade (CMPDI/UFF).

Contato: dalberich@id.uff.br



Suzanli Estef é professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Programa de Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Maringá (ProFEI/UEM), Coordenadora do Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação Inclusiva, avaliação acessível e tecnologias assistivas.

Contato: profsuzanli@gmail.com

Este material foi elaborado para apoiar e orientar pessoas que conduzem atividades educativas, culturais ou formativas — como palestras, cursos, aulas, oficinas, apresentações artísticas, mesas de debate ou rodas de conversa — a tornarem suas práticas mais acessíveis. Reunindo orientações objetivas, claras, exemplos práticos e conceitos fundamentais, o material aborda formas de incluir pessoas com ou sem deficiência, promovendo a participação com autonomia, respeito e equidade. Trata-se de um convite à construção de eventos verdadeiramente inclusivos. Este guia convida cada leitor(a) a exercer o compromisso com a equidade e a inclusão no cotidiano dos eventos educacionais.

“Com leitura atenta e cuidadosa, reconheço nesta obra um compromisso genuíno com a promoção da inclusão e da acessibilidade, compreendidas aqui não como promessas distantes, mas como práticas urgentes e possíveis no presente. O livro se destaca por uma abordagem ética e coletiva, que acolhe desde profissionais experientes até aqueles que se aproximam pela primeira vez da temática, oferecendo orientações claras e sensíveis sobre como tornar falas, materiais e estratégias acessíveis.

A cada página, percebe-se o cuidado das autoras em afirmar a acessibilidade como uma responsabilidade compartilhada, que deve atravessar todos os espaços e eventos, promovendo o respeito à diversidade humana de forma ampla. Mais do que um guia técnico, esta obra é uma ferramenta formativa que inspira transformações profundas, ao propor uma mudança de atitude que nos convoca a construir uma cultura verdadeiramente inclusiva.

O resultado é um trabalho maravilhoso, necessário e urgente.”

Suzanli Estef, professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Programa de Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Maringá (ProFEL/UEM), Coordenadora do Laboratório Universal de Pesquisas em Acessibilidade na Avaliação Inclusiva, avaliação acessível e tecnologias assistivas (LUPAA).

